



Patos de Minas, 11 de Dezembro de 2020 – Nº 16 – Ano II

Leo Cunha – “A literatura faz parte do mundo, então não existe um tema proibido”



Com mais de 60 livros publicados, Leo Cunha é referência na literatura infantojuvenil. Ele conversou com a Folha sobre seu trabalho e a literatura em geral. *Por: Gabriela Maciel >> Página 3.*

Heloisa Starling – “A história (...) solucionou suas questões de uma forma que nos pode ajudar hoje”



Professora do curso de história da UFMG e referência da área no Brasil, Heloisa falou à Folha sobre o papel da história em nosso presente.

Por: Gabriela Maciel >> Página 5.

Ao rever



Há 2 anos, alguns alunos maristas tiveram a ideia de fazer na sua escola o que achavam legal ver no cinema: jornais escolares feitos por alunos, com autonomia para editar, escrever, diagramar, trabalhar com jornalismo de brincadeira. A nossa Folha foi muito bem acolhida pela Família Marista e virou parte indissociável da vida de cada um que a faz.

Hoje, no final do Ensino Médio, o ponto final do último texto dessa edição marca um afastamento (note, nunca um desligamento) entre cada um de nós e esse projeto, que podemos, sem medo do lugar comum, chamar de filho.

É desejo nosso e da Família Marista que ele seja um legado, e vamos trabalhar para que permaneça vivo. No entanto, como a nossa vida vai mudar daqui para frente, nada mais justo do que deixar também a Folha mudar ao seu bel-prazer, para que seja também legado dos que estão por vir.

A cada articulista e entrevistado, muito obrigado. A Folha mudou a vida de quem a escreveu, e daqui para frente fica o desejo de que ela faça mais ainda por outros.

Um literalmente traduzido “ao rever”,

Do Editor

Por um presépio de luz, acenda a chama da esperança!



Olá, famílias, estudantes e colaboradores maristas. Espero encontrá-los bem, saudáveis e felizes!

Após um ano tão tumultuado por diversas emoções, sentimentos, desafios, mas também enlaçado por inúmeras oportunidades para nos tornarmos pessoas melhores, engrandece a convicção do quanto a vida é um sobressalto, por isso mesmo somos convidados a sempre mais valorizá-la.

Dezembro chegou e com ele a esperança renasce em nossos corações, o anúncio da chegada do menino Deus acalenta em nós a certeza de dias melhores, dias mais felizes.

Assim como aconteceu durante todo o ano, permaneçamos de mãos dadas e corações sintonizados, no compasso do amor, da ternura e da solidariedade. Juntos, e em família, a travessia se torna mais leve e cheia de cores.

Obrigado pelo caminho trilhado conosco em 2020. Ainda temos muito a percorrer, o horizonte é largo e literalmente belo. Sigamos unidos. Que a bênção abundante e generosa do Deus que se fez criança chegue a todos vocês. Um abençoado Natal e em 2021, nos reencontraremos no Marista.

Com carinho,

Ir. José Sotero dos Santos Neto
Coordenador de Pastoral

AGRADECIMENTOS



Quando, em 2018, entrei neste projeto, a convite do editor chefe, não imaginava que o jornal se tornaria algo tão importante para mim. Além de treinar e aprimorar a minha escrita, que estava prestes a ficar viciada no modelo dissertativo-argumentativo, pude aprender muito nesses anos em que passei colaborando com o jornal. Pesquisei bastante sobre a escola e tantas coisas deste mundo, fiquei mais atenta aos eventos em curso para poder aqui registrá-los, conversei com várias pessoas, entrevistei tantas outras, transcrevi, li, reli, escrevi e reescrevi (uma, duas, cinco vezes), dei algumas ideias, ajudei a realizar outras... Enfim, foram tantas experiências! Seja durante alguns intervalos em sala, seja em reuniões no QG da equipe do jornal (famoso Laboratório de Informática), vivemos, graças à Folha Champagnat, muitos bons momentos. Posso dizer, portanto, que valeu a pena, e muito. Sou muito grata pela oportunidade de ter participado do projeto. Fica aqui, nesta edição, o meu muito obrigada a todos os leitores, ao pessoal que contribuiu para que a obra fosse possível e aos meus amigos da Folha. Foi uma honra fazer parte disso. Espero, de coração, que não acabe tudo aqui, mas que a Folha possa continuar circulando pelos corredores por muitos e muitos anos, e que possa trazer, ainda, muitas verdades e alegrias. Por fim, desejo a vocês um feliz ano novo (que – esperamos – será melhor que este...). Em especial, um feliz e santo Natal! Que Nosso Senhor Jesus Cristo possa renascer em cada coração e nosabençoar sempre!

Ana Clara Santos, repórter da Folha Champagnat de 2018 a 2020.

ENTREVISTA COM LEO CUNHA



Escritor, tradutor, letrista e professor, o mineiro Leo Cunha se dedica especialmente ao público infantojuvenil, e já ganhou prêmios como o prestigiado Jabuti. Na Fliaraxá, maior evento de literatura da região e um dos maiores do país, é o curador de literatura infantojuvenil.

Leo conversou com repórter Gabriela Maciel sobre sua obra, seu trabalho na Fliaraxá e a literatura em geral.

Folha Champagnat: O que te motivou a escrever para o público infantojuvenil?

Leo Cunha: Foram várias coisas. Primeiro, eu tive muito contato com escritores e livros infantojuvenis durante a minha infância e adolescência. Como minha mãe tinha uma livraria em Belo Horizonte, que chamava-se “Casa de Leitura e Livraria Miguilim”, durante boa parte da minha vida eu a ajudava com as vendas de livros e passava muito tempo lá. Então, eu participava de algumas oficinas, presenciava alguns eventos e conhecia os muitos escritores que iam lá. Dessa forma, eu fiquei muito encantado com esse universo. Seguir esse caminho foi uma coisa natural, já que eu cresci tendo esse contato com a literatura para esse público.

FC: Quais autores mais te influenciaram?

LC: Diversos autores me influenciaram. Uma escritora entre eles é a Sylvia Orthof, quem eu considero minha madrinha literária, já que ela não apenas escreveu livros que eu lia, como também me ajudou no início da carreira lendo o que eu escrevia, me dando dicas e me indicando para as editoras, o que foi fantástico para mim.

Além dela, Orígenes Lessa na prosa e o Zé Paulo Paes e o Mario Quintana na poesia.

FC: Alguns de seus livros possuem traços da cultura da tradição oral, como é o caso de “Conversa para Boy Dormir”, que conta as histórias da relação entre pai e filho. Qual é a importância da tradição oral na literatura?

LC: Acredito que é fundamental, já que, antes de existirem os livros, as histórias eram repassadas de geração em geração pela tradição oral, normalmente exercida pelos avós e demais pessoas anciãs, que eram responsáveis por manter essas histórias vivas. Quando surgiram os livros, o hábito de contar histórias continuou presente no ato de ler para os filhos ou para os netos. É algo muito presente na minha vida pois sempre contei histórias para os meus filhos quando eles eram pequenos, tanto lendo livros quanto narrando histórias tradicionais.

FC: A função pedagógica da literatura infantil é muito importante, porém ela acaba sendo superestimada por muitos, deixando como segundo plano a função artística e de lazer da literatura, o que passa para muitas crianças a ideia de obrigação quando se trata da leitura. Como trazer à tona o ler pelo prazer em ler?

LC: A função do prazer em ler, para mim, é a predominante. Quando eu escrevo, penso apenas nesse aspecto e não me preocupo com esse lado pedagógico. Minas histórias não são feitas para ensinar algo ou dar lição de moral. Claro que depois que o livro está pronto, não tem problema que um professor encontre alguma conexão com a função pedagógica relacionada à matéria dele, mas essa não deve ser a primeira leitura. A primeira leitura deve ser pela arte e pelo lazer. Caso contrário, a criança vai enxergar aquilo como mais um material didático, deixando pouco espaço para o desenvolvimento de um prazer literário.

FC: A sociedade atual desvaloriza muito o que as crianças têm a oferecer ao escrever sobre o que pensam. Como é possível mudar essa realidade?

LC: Inventar e escutar histórias é muito natural das crianças, assim como ter suas emoções

despertadas ao ouvir essas histórias. Muitas vezes, a escola acaba por tirar o encantamento das narrativas ao tentar encontrar um objetivo curricular. Caso isso não acontecesse, já seria melhor. O mesmo vale para a escrita, que é sempre colocada para os alunos como forma de avaliação, e não para criar e se expressar. Esses fatores, com certeza, desestimulam tanto a leitura quanto a escrita.

FC: Você possui um trabalho sobre o rompimento da barragem em Mariana. Para você, a literatura pode exercer um protesto?

LC: A literatura faz parte do mundo, então não existe um tema proibido. Podem ser abordados desde temas extremamente ligados à ficção até algo inspirado na realidade. No meu caso, tenho livros de ambas formas. No caso do livro “Um Dia, um Rio”, que publiquei em 2016, foi inspirado no que aconteceu com o Rio Doce, porém não chega a ser um livro de protesto. É um livro que fala poeticamente sobre o assunto e transforma o rio em personagem. Se fosse um livro de protesto, correria o risco de se tornar um livro mais informativo e jornalístico, e isso a mídia já havia feito. Acho que cabe à arte encontrar maneiras diferentes de falar sobre o assunto, pois, se exerce apenas o papel informativo e panfletário, não abre espaço para interpretação e imaginação do leitor, deixando de ser literatura.

FC: Você é responsável pela curadoria infantojuvenil do Fliaraxá. Para você, como se manifesta a importância desse evento?

LC: O Fliaraxá, a cada ano, vem crescendo. Hoje em dia ele já é considerado um dos maiores eventos literários do Brasil. Acredito que o Fliaraxá valoriza muito não só a cultura da região como também a própria região em si, que tem muito a ganhar com um evento como esse. Todo ano há um grande movimento de pessoas de fora indo para o Fliaraxá, então movimenta a cultura e também o comércio. Então é um festival que deve ser muito valorizado pela região.

FC: Justamente por causa desse crescimento, o evento passou por diversas mudanças ao longo desses anos, como a transição do local para o Grande Hotel. Esse ano, devido à pandemia, o

Fliaraxá teve que ser totalmente online pela primeira vez. Como foi realizar esse evento de uma forma tão diferente?

LC: Foi um desafio muito grande. Eu, o Afonso (criador e curador do festival) e mais algumas pessoas da área técnica fomos para o Grande Hotel, de onde mediamos o evento, mas todos os escritores convidados participaram de suas casas. Isso uniu diversas pessoas de várias partes do Brasil e de outros países (como de Portugal, Moçambique, Angola, Cabo Verde... todos os países que falam português). Então teve, por um lado, esse desafio de realizar tudo por *live*, sem problemas técnicos e conseguindo conciliar todas as atividades (que anteriormente eram realizadas simultaneamente em salas diferentes). Por outro, teve a facilidade de trazer todas essas pessoas, o que gerou um resultado bacana. Mas é claro que eu prefiro que volte a ser presencial.

FC: O Fliaraxá fomenta a cultura local de uma região. Como é possível realizar essa valorização de artistas, que muitas vezes são independentes, em outros locais?

LC: São várias formas. Os governos tem como contribuir com editais, concursos, projetos de eventos locais... cada um tem o seu papel. Essa cultura local pode ser fomentada pelos governos municipal e estadual, como também pelas empresas. Porém, muitos desses eventos são articulados pelos próprios artistas em uma ação cooperativa. Enfim, não há uma só maneira.

FC: Para finalizar, qual dos livros da sua autoria é o seu preferido? Fale um pouco sobre ele.

LC: Isso é impossível, pois são mais de 60 livros das mais diversas formas! Mas como tem que ser um só, vou falar do “Um Dia, um Rio” mesmo. Foi publicado em 2016 pela editora “Pulo do Gato”. Foi um livro muito premiado, tanto no Brasil quanto no exterior, e acredito que ele não é apenas tematicamente muito importante como também na construção de um texto poético.

Gabriela Maciel

ENTREVISTA HELOÍSA STARLING



Graduada em Comunicação Social, Ciência Política e História, atualmente Heloisa Starling é professora do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordena projetos como o Caminhão Museu, que democratiza o acesso à historiografia, e é autora de livros indispensáveis na bibliografia brasileira, ao menos no campo da não-ficção, como “Brasil: uma Biografia” [Companhia das Letras], em parceria com Lilia Schwarcz.

Ela conversou com Gabriela Maciel sobre o papel da história nos tempos em que vivemos e sobre sua participação no Fliaraxá.

Folha Champagnat: O que te levou a se tornar historiadora?

Heloísa Starling: Nunca tinha pensado nisso. Eu me lembro de quando eu era criança eu gostava muito de ler “A História do Mundo para as Crianças”, do Monteiro Lobato. Aquilo me encantava muito, assim como os livros que falavam sobre mitologia. Além de História, eu também me formei em Comunicação e em Ciências Políticas. Olhando para trás agora, acredito que eu estava buscando as ferramentas necessárias para eu contar histórias e pensar sobre o Brasil. Acho que afinal eu fui completando essas ferramentas que o historiador tem, mas o Jornalismo te oferece um jeito de contar a história que engloba uma narrativa diferenciada, além de possibilitar uma investigação de um objeto por diferentes perspectivas. A Ciência Política também representa uma contribuição para essas análises.

Então, eu formei uma caixa de ferramentas para entender a História.

FC: O contexto atual da história do Brasil representa o negacionismo de qualquer tipo de ciência e possui traços fascistas. Qual é o papel do historiador em meio a momentos como esse?

HS: O papel do historiador é contar histórias. Tem uma teórica que eu gosto muito, que é a Hannah Arendt. Ela vai dizer que quando tudo estiver errado, o totalitarismo estiver se fazendo presente e as instituições não estiverem conseguindo cumprir seu papel, ainda temos dois personagens que cumprirão um papel importante: o historiador e o poeta. O historiador mostra que as coisas não precisam ser dessa forma, pois anteriormente elas foram de outro jeito. O poeta vai acender a nossa imaginação e nos fazer questionar se tem que ser assim, e não de outro jeito. Se soubermos que a história nos oferece mais alternativas e solucionou suas questões de uma forma que nos pode ajudar hoje, é muito difícil uma experiência totalitária se concretizar.

FC: Há diversos grupos oprimidos que são excluídos da historiografia, como as mulheres, os negros, os indígenas e os membros da comunidade LGBT. Essas pessoas são excluídas tanto da sua participação no processo histórico como da sua participação intelectual. Como uma historiadora mulher, como você acha que é possível reverter essa situação?

HS: Acredito que temos que ver o passado com as ferramentas que o presente nos oferece. Uma história que me impressiona é a história de uma mulher que participou da Conjuração Mineira, a Hipólita Jacinta. Ela participa de uma forma totalmente diferente da Barbara Eleonora e da Marília de Dirceu, pois elas foram as musas naquele contexto. Já a Hipólita estava inserida na questão política da Conjuração. Naquele momento, algo que era extremamente proibido para as mulheres era participar das discussões políticas, e a Hipólita quebra esse paradigma em meio à Conjuração, e ela acaba pagando um preço muito alto por isso. Ao ser a primeira pessoa a saber que o Tiradentes foi preso, ela

manda um bilhete para a pessoa que ia liderar a Conjuração avisando do ocorrido. Ela termina o bilhete com extrema valentia ao dizer que quem não tem competência com as coisas não deveria se meter nelas. As autoridades portuguesas ficaram possesas com a Hipólita e na hora que vem a repressão ela foi a única mulher que perdeu tudo. Eles tiraram todos os bens dela para reduzi-la à miséria, então o marido dela é preso e perde todos os seus bens. Porém, ela passa os dez anos seguintes da vida dela infernizando a Coroa ao subornar autoridades, entrar com processos, arrumar testemunhas e brigar pelos seus bens de volta, o que ela conquista afinal. No testamento dela consta que ela pressionou a Coroa a devolver cerca de 90% do que era dela, então ela foi uma mulher extraordinária, pois fez tudo o que era proibido para as mulheres. Ela dava ordem a homens pelos seus bilhetes, se envolvia em questões políticas e lutava pelo que era dela. Quando conheci a história, pensei em como as pessoas sequer ouviram falar dessa mulher. O mais interessante é que essa história foi documentada, mas não foi enfatizada por nenhum historiador. Os documentos falam com a gente, mas é necessário perguntarmos para eles. Se analisamos o passado sem perguntar a eles “quem são as mulheres?”, essa exclusão acontece. A mesma coisa acontece com as populações escravizadas, pois a pergunta que se faz para elas são sempre da vítima da escravidão ou da resistência, mas a gente se esquece do conhecimento que eles criaram. Um exemplo é o caso das minas, no qual a extração do ouro é tributária da tecnologia trazida pelos escravizados. Havia um grupo de pessoas escravizadas que produziam joias durante o século XVIII, e há um racismo ao desconsiderar toda essa tecnologia que foi repercutida por esses indivíduos. Já no caso das populações indígenas, são tratadas como se fossem invisíveis. Fiquei impressionada quando se encontrou um documento que foi feito na época da Ditadura Militar, o relatório Jader Figueiredo, sobre qual foi a ação da Ditadura Militar sobre as populações indígenas. Me causou uma indignação, pois não havia nada escrito sobre isso até recentemente o [jornalista] Rubens Valente e um procurador

daqui de Minas trabalharem sobre como essas comunidades indígenas foram alvos da Ditadura [no livro “Os Fuzis e as Flechas: História de Sangue e Resistência Indígena a Ditadura”, Companhia das Letras]. O que me surpreende é que temos uma historiografia riquíssima sobre a Ditadura Militar, porém nada sobre o que aconteceu com essas pessoas. Foi uma pesquisa histórica que revirou tudo, menos o que aconteceu com os povos indígenas, que foi um massacre apontado no relatório.

FC: A Arte e a História sempre estiveram intercaladas no Brasil, como é comprovado pelas críticas da MPB à Ditadura Militar e pela expressão das inseguranças de uma redemocratização no Rock brasileiro. Agora, há um momento que flerta com o fascismo. Qual é o papel da arte de protesto em momentos tão conturbados como o que vivemos?

HS: Saiu um livro muito interessante recentemente tratando da arte no Brasil a partir do AI – 5. Demonstra como a arte abordou possibilidades para se pensar sobre a liberdade e sobre alternativas ao que está acontecendo. Não que a literatura ou a música sejam mais que o historiador, mas elas ensinam o historiador a ver mais intensamente, pois elas acendem a nossa imaginação. Elas mostram o que está entre o vencedor e o vencido, pois há, em determinada conjuntura, quem ganhou e quem perdeu, então há alternativas que não se concretizaram completamente. Quem nos ajuda a enxergar muito bem isso é a Arte. Um exemplo contemporâneo é o Ignácio de Loyola Brandão, que antes de 2018 escreve uma distopia sobre o Brasil, que chama – se “Desta Terra Nada Vai Sobrar, A Não Ser o Vento Que Sopra Sobre Ela” [Global Editora]. Nesse livro ele conta uma história em um contexto no qual não existe Ministério da Saúde, nem Ministério da Educação. O presidente não tem cérebro e está ocorrendo uma epidemia feroz nas cidades brasileiras. O livro do Ignácio foi o nosso alarme, pois ele não estava falando do futuro, mas sim do presente. Ele viu mais intensamente o que estava escondido na ficção, então ele não adivinhou o futuro, já estava lá. Então a arte produz isso, mas

ela produz também uma reflexão sobre o que estamos vivendo, como aponta uma tese do Bruno Viveiros sobre como o Rock cantou a democracia no Brasil. É muito bacana, pois é a narração da democratização pelo Rock.

FC: Durante a história do Brasil, os movimentos sociais asseguraram para muitas pessoas os seus direitos básicos que deveriam ser providenciados pelos governos, como o direito à moradia. No contexto da pandemia, esses movimentos trabalharam com um princípio de solidariedade exemplar. Qual a importância desses movimentos na história do Brasil?

HS: Não sei muito bem da história desses movimentos, mas eles são exatamente isso. São organizações da sociedade em grupos em torno daquilo que precisa ser feito. O que mede a democracia é a expansão desses direitos, então esses movimentos são essenciais para a democracia. O primeiro momento social da nossa história do Brasil é um movimento abolicionista, que é trabalhado no livro “Flores Votos e Balas” [Companhia das Letras], da Angela Alonso. Fica clara a participação dele para a expansão do catálogo de direitos e para refletir sobre um debate público, pois é uma discussão para o bem comum. Essa é a base de sustentação da democracia, e a preocupação desses movimentos durante a pandemia é um reflexo disso.

FC: Você atua no Fliaraxá há muito tempo. Qual é a importância desse evento?

HS: Acho que o Fliaraxá é diferente de todas as feiras. Lá, fica todo mundo junto, então não é só participar das mesas, mas sim fazer uma imersão naquele ambiente pelos três dias. É inspirador, pois você sempre sai de lá com um projeto novo. Lá você vê um escritor famosíssimo jantando com um estudante que vai começar a escrever, então é uma experiência única de reunião, troca de experiências e convivência. Essa vivência é algo importante nesse evento, pois nos une para criar coisas novas. Outra coisa interessante que reparei com o projeto do Caminhão Museu da UFMG é que há pessoas que saem de outras cidades para ir ao Fliaraxá. Então há também a possibilidade de acesso a um público totalmente

diferente, com muita gente jovem, principalmente. Existe essa energia intelectual e criativa muito forte, o que me emociona muito.

FC: Justamente por conta dessa característica de convivência e sociabilidade, o Fliaraxá enfrentou um desafio esse ano: realizar pela primeira vez uma edição totalmente online. Como foi para você essa experiência?

HS: Nós ficamos bem preocupados, pois havia o risco de perder esse encantamento. Depois de tanto tempo com histórias envolvendo o Grande Hotel, como as lendas sobre os fantasmas que habitariam lá, a questão da sociabilidade e da amizade naquele local se tornou uma marca do evento. Por um lado, conseguimos reunir pessoas do mundo inteiro no evento online, então ampliamos as margens do Fliaraxá, já que presencialmente não conseguiríamos atingir tantas pessoas. Acredito que não foi uma reprodução do Fliaraxá, essa não foi a nossa intenção. Tentamos usar os recursos digitais que tínhamos para possibilitar encontros virtuais, então eles não podem ser comparados. O que fizemos foi manter a mensagem do evento, porém com uma nova forma de linguagem.

Gabriela Maciel

ENTREVISTA RAFAEL NOLLI



Ainda no tema especial Fliaraxá, feira literária que aconteceu no mês passado, conversamos com Rafael Noll, escritor araxaense e curador local do evento.

Folha Champagnat: O que te levou a escrever?

Rafael Nolli: Foi um processo meio natural, pois quando eu era jovem gostava muito de ler. Então eu comecei a escrever da mesma forma que comecei a ler, foi uma coisa bem natural, e um dia eu percebi que a quantidade de poemas que eu tinha viraria um livro, então não foi nada programado.

FC: Você possui livros para o público infantojuvenil. Como foi seu contato com esse tipo de literatura?

RN: Comecei escrevendo poemas para adultos, publiquei um livro de poesias em 2005, depois em 2013 outro de poemas. Quando meu filho nasceu, fiquei ainda mais interessado pela literatura infantojuvenil, pela qual eu já possuía uma grande admiração. Era algo que eu queria fazer, mas não sabia como, e esse contato maior por conta do meu filho facilitou esse processo. Todo mundo acha legal quando se trata da poesia, mas são poucos que realmente leem poesia, e por conta disso os espaços para ela nas editoras são reduzidos. Depois de publicar um livro infantil e ter contato direto com crianças nas escolas que leram e gostaram, é perceptível que é uma área mais ampla da produção literária. Estou oscilando entre a poesia e as histórias infantojuvenis ainda. Esse ano publiquei um ebook de poesias, mas até o fim do ano ainda sai mais um infantil.

FC: A nossa sociedade menospreza intelectualmente as crianças, como se elas não fossem capazes de criar suas próprias histórias, apesar de terem uma imaginação invejável e serem pura poesia. Como é possível colocar essas crianças como protagonistas da sua própria criatividade?

RN: No Fliaraxá, por exemplo, todo ano há uma mesa composta por escritores que são crianças e adolescentes. Temos muitas crianças que estão envolvidas com arte, mas que não conseguem espaço, e se conseguem são tratadas como inferiores aos demais escritores. A geração de vocês é muito conectada e inteligente, cresceram com uma série de livros e desenhos de extrema qualidade. Essa nova geração cria pessoas muito talentosas.

FC: A Literatura brasileira esteve intercalada com as críticas aos processos históricos que vivemos. Você mesmo possui um poema que retrata a exploração das florestas com o lucro como principal objetivo. O que você pensa sobre a literatura como forma de protesto?

RN: No meu primeiro livro eu já era um menino cheio de críticas, e recentemente eu tenho visto muitos poetas entrando por esse caminho. Esse poema que você mencionou, o “For Sale”, eu fiz para o Ricardo Salles sobre essa situação triste que vivemos. Sou professor de geografia, então trabalho muito com questões ligadas à natureza. Gosto muito do Mayakovsky, um poeta soviético engajado com a poesia no meio revolucionário. Porém, há um problema nesses poemas engajados, pois eles podem servir para aquela hora, mas depois de cinco minutos virarem um panfleto fora do contexto. É uma preocupação de muitos poetas fazer um poema que seja engajado socialmente e não ser um poeta alienado que rima “amor” com “flor”, mas que também não seja um panfleto político puro. Acho que é um caminho difícil de se alcançar.

FC: Como você mesmo mencionou, você é escritor e professor de Geografia. A literatura brasileira é marcada pelos livros regionalistas, nos quais há uma forte presença da geografia. Para você, quais são os reflexos da afinidade com essas duas áreas no seu trabalho?

RN: Eu me formei primeiro em Letras, pois meu sonho era ser professor de Literatura, mas a vida me levou a dar aulas de Geografia. Minha monografia foi justamente sobre as relações possíveis entre a Literatura e a Geografia, no qual eu fiz um estudo englobando livros como Grande Sertão Veredas, Os Sertões, os livros do Guimarães Rosa, os poemas do Drummond, que também foi professor de Geografia... como professor de Geografia, alguns alunos até reclamam da minha opinião, mas eu acho que a Geografia é a melhor de todas as matérias, pois ela entra na Literatura, na Física, na Química, na Matemática... acho que é a ciência que entra muito bem com todos os conteúdos, mas especialmente o casamento dela com a Literatura é uma combinação muito boa. Uma vez me

chamaram na Maurício de Sousa Produções (da Turma da Mônica) para fazer a consultoria de um livro da Turma da Mônica viajando pela América Latina. Foi uma série linda que tenho orgulho de ter feito parte. Então, são duas matérias próximas, não só ao estudar de onde vem o autor, mas a questão geopolítica está presente em várias obras, como no Senhor dos Anéis, Harry Potter, nas clássicas obras brasileiras... é um tema extremamente interessante.

FC: Você publica livros independentes. No Brasil, há uma desvalorização dos artistas e a banalização do seu trabalho. Como é ser um artista independente no Brasil para você, ainda mais com uma explícita subestimação desse trabalho pelo próprio representante máximo do poder executivo no Brasil?

RN: Meu primeiro livro, em 2005, foi independente, pois, como disse, são poucas editoras que publicam poesia. Para você ter ideia, a tiragem das editoras para livros de poesia de autores novos costuma ser de 200 exemplares. Então é um público tão pequeno que muitos seguem pelo caminho independente. Meu segundo livro, que se chama “Elefante”, é um livro não só independente como também artesanal. Eu fiz em casa um por um com capas de papelão e capas de leite longa vida. Eu mesmo fiz o livro inteiro no meu computador e fiz o xerox dos exemplares. Tudo totalmente independente e artesanal. Já a área infantojuvenil possui uma tiragem maior, pois acontece das escolas comprarem muitos exemplares, então existem possibilidades nesse mercado que não são de auto publicação. Mas eu gosto da produção independente, tanto que fiz meu livro esse ano, o “Isca”, totalmente independente e virtual. Produzi o ebook e fiz uma *live* de lançamento, e quem pedia o livro, eu mandava. Deu muito trabalho enviar um por um, mas foi muito gratificante. Para a poesia, é um bom caminho, mas com as editoras também é interessante, já que sozinhos não temos o mesmo alcance que a editora possui. São todos esses caminhos maravilhosos.

FC: Ainda sobre a produção independente, em meio a um sistema como o nosso, existe uma

indústria que capitaliza a cultura, vendendo aquilo que é aceito pelas classes dominantes. Essa indústria massifica essa cultura e ocupa boa parte do espaço artístico que existe, deixando em segundo plano os demais artistas, sobretudo os independentes. Na sua opinião, como é possível enfrentar essa questão?

RN: Trabalho com muitos autores independentes e também que possuem o auxílio de editoras, e nenhum deles vive da arte. No Brasil, há pouquíssimos escritores que vivem disso. A maioria é como eu, vivem de sala de aula, ou são jornalistas... uma vantagem da literatura, principalmente da poesia, é que ela é desenvolvida em uma bolha que não se importa muito com essa cultura capitalizada. Então são grupos reduzidos, mas nos quais a poesia sobrevive. Quem quiser sair dessas bolhas e ir para a massificação realmente tem que fazer algo muito diferente daquilo que se faz por amor. Uma das vantagens é que muitos autores não se importam de serem lidos apenas por esses pequenos grupos de resistência, e fora deles esses autores são desconhecidos. É uma pena isso acontecer, mas pelo menos dentro dessa bolha existe o reconhecimento merecido por esses poetas. Porém, mesmo em meio à essa massificação, há poetas que conseguem se sobressair, como é o caso do Paulo Leminski, que está na lista dos livros mais lidos e é um poeta maravilhoso. Talvez ele seja um dos poetas que vivem disso, mas é realmente uma produção mais pasteurizada, que não condeno, pois ele achou o caminho dele. Um exemplo de autor que conseguiu furar essa bolha sem escrever para vender foi o Leo Cunha, com o livro “Um Dia, um Rio”. Foi um livro amplamente lido e, com ele, o Leo conseguiu furar a bolha. É uma obra maravilhosa de literatura para crianças, mas muito forte e pesado, com um conteúdo bonito e muito bem ilustrado. Ele atingiu diversas pessoas sem seguir os caminhos da massificação.

FC: Você é o curador local do Fliaraxá. Por conta do evento, Araxá apresentou uma gigantesca efervescência cultural, sendo muito reconhecida na região, ainda mais porque a maior parte das cidades não possuem nenhum festival do

gênero. Qual é a importância do Fliaraxá para a região?

RN: O Fliaraxá é um evento literário que acontece em Araxá, e apesar de ter muitos autores internacionais participando, ele é essencialmente araxaense. Eu e o Luiz Humberto França, que atua comigo na curadoria local, temos uma preocupação muito grande em garantir que pessoas ligadas à cidade participem do festival, então temos uma imensa programação com autores de diferentes lugares, mas temos uma curadoria para garantir essa valorização da cultura local. Uma manifestação disso é o prêmio da redação, que engloba as escolas de Araxá. Diversos autores surgiram na cidade por conta do evento, e temos também um pré Fliaraxá, pelo qual eu também sou responsável, que envolve escritores locais e também de outros lugares que passam de escola em escola fazendo palestras exclusivas. Então, nós percebemos que houve mais publicações com o Fliaraxá, que serve não só como um incentivo, mas também como um festival no qual esses autores podem entrar. Assim que fico sabendo de algum autor que lançou algum livro, eu compareço ao lançamento e converso com o autor para ver em qual parte do evento ele se encaixa, seja dando palestra em uma escola, contando histórias no coreto ou participando de uma mesa ao lado de um grande autor internacional. Mesmo que esse ano tenhamos realizado o evento virtualmente, diversas pessoas lançaram trabalhos no Fliaraxá. Caso houver pessoas em Patos de Minas que escrevem, também estamos dispostos a colocar essas pessoas lá, pois elas também representam essa região. Ano passado foram mais de 100 autores só da região. Normalmente são pessoas que nos procuram com os seus projetos prontos. Em alguns casos nos quais o projeto ainda está em andamento, nós auxiliamos com esse processo para fomentar não só a leitura, mas também a escrita em Araxá e na região.

FC: O Fliaraxá possui esse clima de encontro e confraternização, porém esse ano não foi possível realizar o evento presencialmente por conta da pandemia. Como foi o desafio de fazer o primeiro Fliaraxá totalmente online?

RN: Era um desafio, pois sabíamos que aconteceria, mas não sabíamos direito como. Então nos questionávamos se ficaria o concurso de redação, o pré Fliaraxá... acabou que mantivemos tudo: o concurso foi feito à distância, com exceção à entrega do prêmio, o pré Fliaraxá aconteceu por meio de chamada de vídeo com todas as escolas parceiras que estavam com ensino à distância, então as crianças tiveram contato com escritores muito bacanas. Algo interessante é que o festival foi 24 horas interrompidas. Tínhamos uma série de programações ao vivo, e quando acabava, saía algum vídeo gravado. Soltávamos também conteúdo das edições anteriores, e por incrível que pareça, foi só ontem (08/12) que acabou. Mantivemos rodando vídeos e fazendo lives por 24 horas até então, e muitos festivais que estão sendo realizados online copiaram essa ideia, o que é ótimo!

Gabriela Maciel

CULTURA

MÚSICA



Christmas in the Heart
Bob Dylan

Uma vez que não é praxe desta Folha uma edição em Dezembro, também não é praxe desta coluna recomendar álbuns de natal. No entanto, neste mês faremos valer as duas exceções.

Lançado em 2009, “Christmas in the Heart” é de uma fase de Dylan marcada por discos de

standards da música americana. É o caso desse, que traz clássicos de natal estadunidenses. Não é, no entanto, um disco ordinário. Nenhuma das canções gravadas nele tem versão brasileira, por exemplo, e Dylan passa longe de “Jingle Bells” e afins.

Chama a atenção a precisão dos arranjos e a surpreendente afabilidade de uma voz já muito desgastada, mas ainda precisa. As canções são doces, mas nunca ordinárias, e fazem do disco uma ótima oportunidade de ser natalino sem ser piegas.

Diogo Leite

CIÊNCIA

Término de um, início de outros



Dessa vez venho não para informar, mas para agradecer. Desde o surgimento desta Folha, no ano de 2018, enquanto tomávamos sorvete em uma noite qualquer de final de semana, onde surgiu mais como uma ideia que veio a se tornar uma realidade, sempre a vi como algo a mais para adicionar no meu dia a dia. Ajudou-me a expressar pontos de vista e aprimorar a escrita a qual utilizo nos textos. Mais do que tudo, se tornou uma fonte a mais de prazer esse ato de colocar no papel alguma coisa, algo que muitas vezes é considerado chato pelas pessoas.

Enfim, agradeço a todos que apoiaram essa mirabolante ideia de um grupo de adolescentes e ajudaram a inserir uma nova realidade dentro da escola.

Agradeço também aos leitores, que são o ponto principal da existência da Folha Champagnat. Por fim, tenho um último desejo: que as novas gerações prossigam com o legado do jornal, que não deixem morrer essa dádiva que jorrou da fluidez dos pensamentos e que,

com toda certeza, continuará a jorrar por um bom tempo. Isso é tudo. Obrigado. *Namárië*.

Henrique Bonatti Delicole

GRATIDÃO



Me recordo bem quando um grupo de estudantes do 1º ano B chegou à minha sala com a brilhante ideia de produzirem um jornal com a cara e voz deles. Me encantei com a proposta, estruturamos as ideias, buscamos patrocínios e, no dia 05/12/18, foi lançada a 1ª edição da Folha Champagnat, com o texto inspirador “Germina uma flor!”, do querido Ir. Claudino. Desde então, mensalmente, lemos e relemos fatos e notícias, entrevistas, mensagens pastorais, dicas de livros e filmes, matérias sobre ciência, cultura e esportes e nos encantamos pelos textos produzidos por estudantes da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Obrigada, queridos estudantes que participaram de uma, duas ou todas as edições da Folha Champagnat! Sintam-se convidados a continuar contribuindo com as novas edições da Folha, que acaba de receber uma nova coluna: Ex-aluno sim! Ex-marista nunca!

Sejam felizes...

Carinhosamente,

Adriana Carvalho Rodrigues
Vice-diretora Educacional

Editor chefe: Diogo Leite

Colunistas: Gabriela Maciel, Henrique Bonatti, Diogo Leite, Giovanna Fonseca, Lucas Faria, Heitor Henrique Matias e Luana Mendonça.

Repórteres: Ana Clara Santos, Isabella Fonseca e Gabriela Maciel

Assessor: Fernando dos Reis